

Os usos de ‘*assim*’ no português falado do noroeste paulista sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional

(The uses of *assim* in spoken Portuguese of northwest of the State of São Paulo under the perspective of Functional Discourse Grammar)

Edson Rosa Francisco de Souza

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas (UFMS)

edsrosa@yahoo.com.br

Abstract: The aim of this paper is to analyze the multifunctional uses of *assim* (thus) under the perspectives of Grammaticalization theory (TRAUGOTT, 1982, 1999) and Functional Discourse Grammar (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008). The proposal is to show that the grammaticalization process of *assim* in spoken Portuguese of northwest of the State of São Paulo may be analyzed according to the levels and layers of FDG organization.

Keywords: Grammaticalization; Functional Discourse Grammar; Item *assim*.

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar os usos multifuncionais de *assim* a partir do diálogo entre os postulados teóricos da Gramaticalização (TRAUGOTT, 1982, 1995) e da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008). A proposta é mostrar que o processo de gramaticalização de *assim* no português falado do noroeste paulista (IBORUNA) pode ser analisado conforme os níveis e as camadas de organização da GDF.

Palavras-chave: Gramaticalização; Gramática Discursivo-Funcional; Item *assim*.

Palavras iniciais

Nos últimos anos, alguns usos de *assim* já foram descritos por linguistas brasileiros, no entanto há ainda vários usos que não foram analisados, principalmente os que fazem referência à situação comunicativa do falante/ouvinte. Nesse contexto, estudos como os de Lopes-Damásio (2008)¹ e Guerra (2007)² sobre os marcadores discursivos na Língua Portuguesa são certamente os que apresentam uma análise mais atualizada e detalhada sobre o funcionamento de alguns itens linguísticos no Português, porém trabalhos dessa linhagem são muito poucos. Apesar dos problemas levantados por esses estudos e dos resultados positivos alcançados pelas autoras, muito ainda precisa ser feito com relação aos itens adverbiais no Português, incluindo o item *assim*, não somente no que diz respeito às funções textuais e discursivas que esses elementos linguísticos podem exercer, como também no que diz respeito ao percurso de Gramaticalização (GR, doravante) percorrido por esses itens no Português brasileiro.

Baseando-nos, pois, em uma perspectiva funcionalista da linguagem, em especial nos postulados teóricos da Gramática Discursivo-Funcional (GDF, doravante) e da GR, o nosso objetivo é mostrar que o item linguístico *assim* pode ser perfeitamente analisado com relação aos níveis (Representacional e Interpessoal) e às camadas (semânticas e pragmáticas) de organização da GDF, no sentido de que a expansão funcional desse elemento nos níveis e nas camadas da GDF pode ser elencada como uma evidência linguística de que o item *assim* está se gramaticalizando na língua,

¹ Em sua dissertação, Lopes-Damásio (2008) analisou as funções do marcador discursivo *assim*.

² O objetivo do trabalho de Guerra (2007) é buscar uma redefinição do conceito de marcador discursivo e, conseqüentemente, dos elementos linguísticos que podem integrar esse grupo de palavras.

assumindo diferentes funções textuais e discursivas ao longo do seu percurso de mudança linguística, em direção às dimensões textual e interacional da língua.

Para tanto, o presente artigo encontra-se organizado em cinco partes. A seção 1 traz uma apresentação da GDF. A seção 2 apresenta a descrição e a análise dos dados de *assim* no português falado do noroeste paulista. A seção 3 discute algumas questões teóricas em torno da GR e algumas generalizações sobre os usos de *assim*. Por fim, a última seção encerra-se com as considerações finais.

A Gramática Discursivo-Funcional

Para Hengeveld e Mackenzie (2008), a GDF apresenta os seguintes aspectos: (i) a GDF busca modelar a competência gramatical de usuários das línguas; (ii) GDF assume o ato discursivo, não a oração, como unidade básica de análise; (iii) a GDF interage sistematicamente com os componentes conceitual, contextual e de expressão, que antes não tinham sido contemplados na Gramática Funcional (GF) de Dik (1989); (iv) a organização hierárquica da GDF é descendente, enquanto a da GF é ascendente. São as intenções do falante que motivam a produção linguística; e, por fim, (v) a GDF inclui as representações morfossintáticas e fonológicas como parte de sua estrutura subjacente.

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 2), a GDF pode ser definida mais concisamente como uma teoria que procura entender como as unidades linguísticas são estruturadas em termos do mundo que elas descrevem e das funções comunicativas que elas expressam na língua. O discurso passa a ser na GDF o “suporte” das unidades linguísticas de níveis mais baixos. O que difere a GDF da GF é que a GDF inicia-se com a formulação da intenção do falante, finalizando com a realização da expressão linguística, ao passo que a GF inicia-se com a seleção de itens lexicais para, em seguida, expandir gradualmente a estrutura subjacente da oração para outras camadas.

Uma outra diferença entre os dois modelos teóricos é que, na GDF, a pragmática governa a semântica, a pragmática e a semântica governam a morfossintaxe e, juntas, a pragmática, a semântica e morfossintaxe governam a fonologia. A relação em ‘cascata’ entre os níveis de análise da linguagem é certamente determinada pela organização *top-down* (decrecente) da gramática (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 1-13).

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), a GDF:

assim como os modelos formalistas, busca descrever o conhecimento que está por trás do potencial de um usuário de se comunicar na sua língua de uma maneira altamente formalizada e explícita. O usuário de língua é visto como tendo conhecimento tanto das unidades (ex. lexemas, auxiliares, componentes sintáticos, fonemas) como do modo como essas unidades podem ser combinadas (em **atos discursivos, proposições, orações e complexos fonológicos**). [...] Assim, GDF oferece não só um inventário de formas, como também busca explicitar como elas se combinam na interação verbal. (p. 26-27, tradução nossa, grifo nosso).

Essa mudança radical é, conforme Hengeveld (2004), motivada pelo postulado de que a “eficiência de um modelo de gramática é tanto maior quanto mais se aproximar do processamento cognitivo”.³ Isso porque, segundo os autores, estudos

³ Cf. original: “the model is assumed to be more effective, the more closely it resembles this language production process” (HENGEVELD, 2004b, p. 367).

psicolinguísticos demonstram claramente que a produção linguística é um processo descendente, que parte do componente cognitivo em direção ao componente de expressão. No entanto, é importante destacar que a GDF não constitui um modelo de produção linguística, mas sim uma teoria da gramática que tenta usar evidência psicolinguística – de processamento da língua – em sua arquitetura básica.

Níveis de organização e representação da GDF

Hengeveld e Mackenzie (2008) postulam uma gramática organizada em quatro níveis, assim como mostra a figura 1, em que cada nível é concebido como um módulo separado e internamente organizado em camadas. Outra diferença notável na GDF é o reconhecimento de um componente contextual e um componente cognitivo, que contêm elementos essenciais do contexto, considerados relevantes para os demais módulos da gramática. O componente gramatical (que engloba os quatro níveis de organização) é conectado ao componente conceitual, ao contextual e aos componentes de expressão.

Na GDF, de acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 25), faz-se uma rígida separação entre dois tipos de operação: FORMULAÇÃO por um lado, e CODIFICAÇÃO por outro, uma vez que esse modelo busca desenvolver um arcabouço teórico que possibilite uma descrição sistemática de um maior número possível de línguas naturais (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008). O processo de formulação está relacionado à especificação das configurações pragmáticas e semânticas de uma língua, independentemente da expressão de tais configurações. Nesse sentido, o processo de codificação está preocupado com as formas morfossintáticas e fonológicas que essas configurações pragmáticas e semânticas podem acarretar numa língua.

Para Hengeveld e Mackenzie (2008), a presença de referência anafórica dentro dos quatro níveis de organização é o que justifica a criação de um sistema modular:

Quadro 1. Relação entre níveis de organização e operações da GDF

Conceitos	Níveis de organização da GDF	Operações da GDF
Pragmático	Nível Interpessoal (I) A: Saia daqui. B: Não fale <i>assim</i> comigo.	Formulação
Semântico	Nível Representacional (II) A: Há muitos cachorros nas ruas. B: Eu não notei <i>isso</i> .	
Morfologia Sintaxe	Nível Morfossintático (III) A: Eu comi <i>chuletas de cordeiro</i> no almoço. B: É <i>assim</i> que diz costelas de cordeiro em Espanhol?	Codificação
Fonologia	Nível Fonológico (IV) A: Eu comi /tΣu>letasdekor>dero/ no almoço. B: <i>Isso</i> não deveria ser ‘/tΣu>letasdeTor>dero/’?	

Para Hengeveld e Mackenzie (2008), as operações de formulação atuam somente nos níveis pragmático e semântico, ao passo que as operações de codificação operam apenas nos níveis morfossintático e fonológico, como se vê no quadro 1. Em (Ib), o item anafórico *assim* se refere a uma estratégia comunicativa escolhida por (Ia), de base interpessoal. Em (IIb), o item anafórico *isso* se refere a uma situação do mundo externo, que é descrita em (IIa). Trata-se de uma unidade semântica (representacional). Já a referência anafórica em (IIIb) e (IVb) é diferente, pois é de natureza metalinguística (uma atividade

reflexiva sobre a linguagem). Em (IIIb), *assim* não se refere à entidade ‘chuletas de cordero’, mas ao sintagma em si. Em (IVb), *isso* aponta para uma unidade fonológica.

Arquitetura geral da GDF

A arquitetura geral da GDF pode ser representada da seguinte forma:

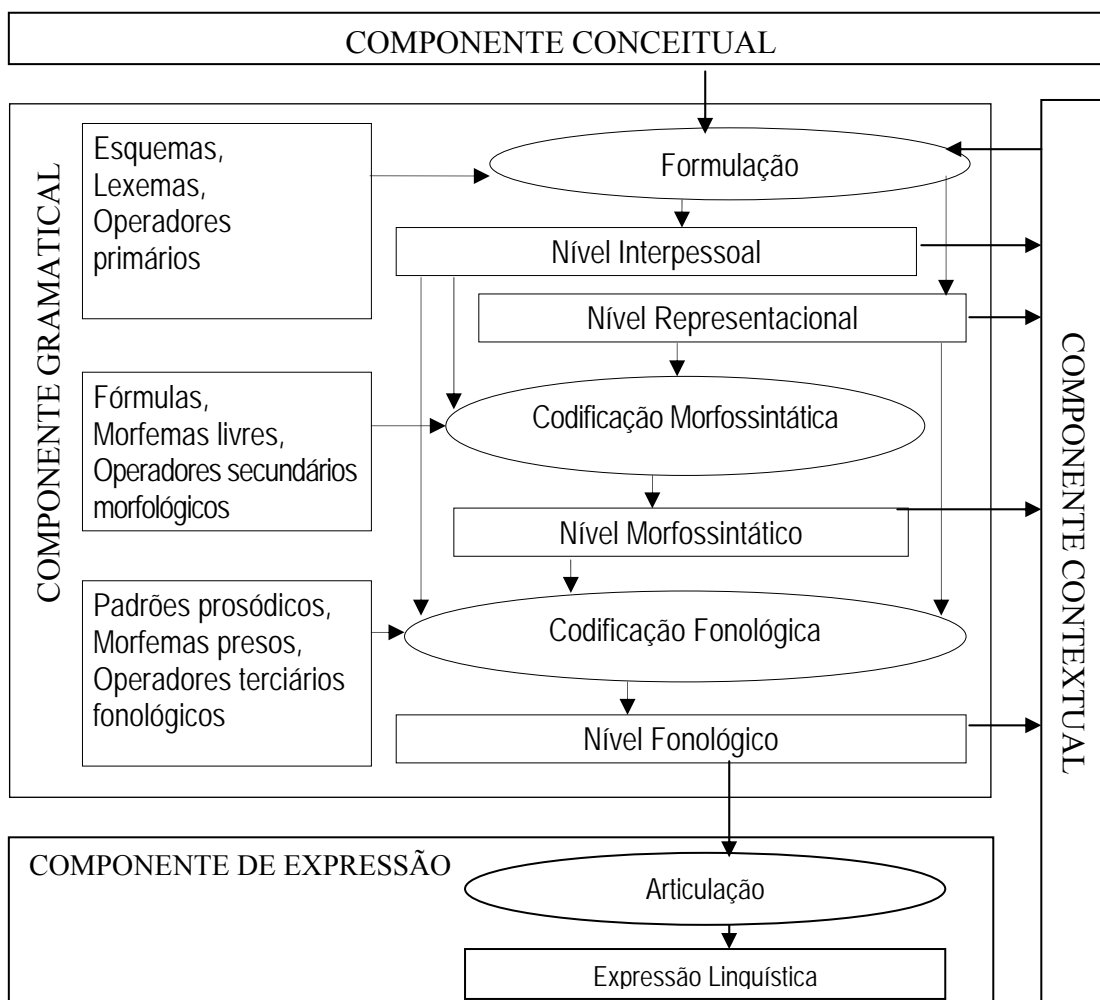


Figura 1. Plano geral da GDF (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008)

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), o *componente conceitual* da GDF não faz parte da gramática, mas é a força motriz que está por trás do componente gramatical. No atual modelo, a operação de *formulação* representa a conversão de uma representação conceitual⁴ pré-linguística em representações semânticas e pragmáticas linguisticamente relevantes, que são licenciadas pela gramática da língua em questão.

O *componente de expressão*, a depender da modalidade escolhida pelo falante (fala ou escrita), pode gerar expressões ortográficas ou acústicas, via operação de *articulação*.⁵ Já o *componente contextual* contém, segundo Hengeveld e Mackenzie

⁴ Conforme Hengeveld (2004), o componente conceitual é responsável pelo desenvolvimento tanto de uma intenção comunicativa relevante para o evento de fala corrente, quanto pelas conceitualizações associadas em relação aos eventos relevantes no mundo real externo ou imaginário.

⁵ As regras de expressão de Dik estão alojadas nas operações de formulação, codificação e articulação da GDF.

(2008), uma descrição do domínio do discurso tal como é construído durante o processo de interação. Ele não contém apenas uma descrição do conteúdo e da forma do discurso precedente, mas também do contexto real perceptível em que ocorre o evento de fala. É o componente contextual que motiva e permite analisar enunciados como: “Eu encontrei a Maria no shopping ontem. **Ela** estava muito bonita, mas nem olhou para mim”, ou “São Paulo, **aí** vamos nós”. Assim, com a inserção desse componente contextual à gramática da língua, a GDF é capaz de oferecer descrições mais sistematizadas de fenômenos como cadeias anafóricas, progressão textual, cadeias tópicas, etc.

O Nível Interpessoal

O nível interpessoal lida com todos os aspectos formais de uma unidade linguística que reflete seu papel na interação entre falante e ouvinte.⁶ De acordo com a arquitetura geral da GDF, as unidades discursivas relevantes nesse nível são hierarquicamente organizadas em camadas. Elas podem ser representadas como:

Quadro 2. As camadas de organização do Nível Interpessoal

(M) Movimento (M)
 (A) Ato discursivo (A)
 (F) Ilocução (F)
 (P) Participantes (P)
 (C) Conteúdo comunicado (C)
 (R) Subato Referencial (R)/ (T) Subato Adscritivo (T)

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), o *movimento* (M),⁷ definido na GDF como a camada mais elevada da hierarquia, descreve o segmento inteiro de discurso que é considerado relevante no processo de interação. Um movimento, por sua vez, é constituído de um ou mais *atos* temporalmente ordenados que, juntos, formam o núcleo (simples ou complexo). Cada *ato discursivo* (A) se organiza com base em um esquema *ilocucionário* (ILL), que contém dois *participantes* (P), o Falante e o Ouvinte (S, A) e o conteúdo comunicado como seus argumentos. O *conteúdo comunicado* contém um número variável de *subatos adscritivos* (A) e *referenciais* (R), aos quais funções pragmáticas são atribuídas. Entre essas últimas unidades não há relação de hierarquia.

Na GDF, o *movimento*⁸ é o veículo utilizado na expressão de intenções comunicativas do falante. Além dos casos de implicaturas (atos de fala indiretos), essas intenções podem ser: convite, informação, questionamento, ameaça, advertência, recomendação etc. Já a *ilocução* indica o propósito de nossos atos verbais e os *participantes* representam o falante e o ouvinte, enquanto o *conteúdo comunicado* contém a totalidade do que o Falante deseja evocar durante a interação. Os exemplos em (1) e (2) representam alguns tipos de movimento no Português brasileiro:

⁶ Na GDF, o sequenciamento de ações linguísticas presentes em todas as camadas da hierarquia reflete, por assim dizer, a ordem das atividades estratégicas colocadas em prática pelo falante.

⁷ Em Português, o termo *move*, usado na GDF como movimento, lance ou jogada, é traduzido em Gasparini-Bastos (2004), Oliveira (2008) e Souza (2009) como *movimento*.

⁸ Com a decisão de Hengeveld e Mackenzie (2008) de adotar o ato discursivo como unidade básica de análise, vários problemas instaurados na GF de Dik, como a divisão da sentença em constituintes oracionais e extra-oracionais, foram resolvidos. Os exemplos (a) e (b) constituem casos de movimento com dois atos discursivos, em que um é definido como subordinado (dependente) e o outro como nuclear:

a) A Maria, ela esteve aqui. $(\Pi M_1: [(\Pi A_1: [...] (A_1))_{Orient} (\Pi A_2: [\dots] (A_2))_{Nuc1} (M_1)]_{\Phi}$
 b) Ela esteve aqui, a Maria. $(\Pi M_1: [(\Pi A_1: [...] (A_1))_{Nuc1} (\Pi A_2: [\dots] (A_2))_{Corr} (M_1)]_{\Phi}$

- | | | |
|-----|--|--|
| (1) | A: <i>Onde você trabalha?</i>
B: <i>Eu trabalho em São Paulo.</i> | (M1) _{Iniciação}
(M2) _{Reação} |
| (2) | A: <i>Qual é a capital do Brasil?</i>
B: <i>Brasília. (M B1)_{Reação} Por quê?</i>
A: <i>Eu estou fazendo a minha lição de casa.</i> | (M A1) _{Iniciação}
(M B2) _{Iniciação}
(M A2) _{Reação} |

Em (1), temos uma estrutura interacional simples composta por dois movimentos, sendo um de iniciação (*Onde você trabalha?*) e outro de reação (*Eu trabalho em São Paulo*). Já em (2), temos uma estrutura interacional um pouco mais complexa, composta por quatro movimentos (dois de iniciação e dois de reação). Nesse caso, Hengeveld e Mackenzie (2008) mostram, por exemplo, que em (2) a correspondência entre movimento e turno não é tão precisa, assim como ocorre em (1), justamente pelo fato de o falante poder executar dois ou mais *movimentos* em um único turno, conforme se observa na fala de B “Brasília. Por quê?”. Os autores ressaltam ainda que um movimento pode ser composto por vários atos discursivos, como se verifica em (3):

- | | | |
|-----|---|---|
| (3) | A: <i>O que você vai comprar hoje?</i>
B: <i>Eu vou querer dois quilos de carne.</i>
<i>Vou querer um quilo de costela de vaca.</i>
<i>E também um quilo e meio de toucinho.</i> | (M1) _{Iniciação}

(M2) _{Reação} |
|-----|---|---|

O que se observa em (3) é que o movimento de reação de B, que atua como resposta a uma pergunta de A “O que você vai comprar hoje?”, é composto por três atos discursivos.

A camada do *conteúdo comunicado* pode conter um ou mais *subatos*, que são hierarquicamente subordinados a *atos discursivos*.⁹ Trata-se de uma categoria pragmática que se diferencia do *conteúdo proposicional*, que é uma categoria semântica do nível representacional e tem como escopo os episódios e os eventos. Diferentemente do conteúdo proposicional, o conteúdo comunicado¹⁰ possui seus próprios operadores (II) e modificadores (Σ) do nível interpessoal e está sempre relacionado ao falante.

Já os *subatos* contidos em um conteúdo comunicado podem ser de dois tipos: *adscritivo* e *referencial*. O *subato adscritivo* (IIT₁) representa a tentativa do falante de evocar uma propriedade. Ao proferir, por exemplo, “Está chovendo”, o falante está evocando somente uma propriedade meteorológica sem evocar nenhum tipo de referente; *chover* não está sendo atribuído a algo, mas simplesmente ‘descrito’. O *subato referencial* (IIR₁), por outro lado, ocorre quando o falante tenta evocar um referente, proferindo coisas do tipo: *homem, casa, gato, árvore*, entre outras.

O Nível Representacional

O nível representacional da GDF lida com os aspectos formais de uma unidade linguística que reflete seu papel no estabelecimento de uma relação com o mundo real ou imaginário que ela descreve. Por essa razão, as categorias representacionais referem-se à designação e não à evocação (que ocorre no nível interpessoal, resultado da relação entre

⁹ Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), os atos discursivos podem ser:

(IIA₁): [(IIF₁: ♦ (F₁)) (P₁)_S] (A₁) = Atos expressivos

(IIA₁): [(IIF₁: ♦ (F₁)) (P₁)_S (P₂)_A] (A₁) = Atos comunicativos interativos

(IIA₁): [(IIF₁: ILL/♦ (F₁)) (P₁)_S (P₂)_A (C₁)_z] (A₁) = Atos comunicativos Performativos e Abstratos

¹⁰ Hengeveld e Mackenzie (2008) usam o termo ‘speaker-bound’ para se referir ao Conteúdo comunicado e o termo ‘not speaker-bound’ para se referir ao conteúdo proposicional, isso porque este último pode ser atribuído a uma terceira pessoa (ex.: Maria disse que João acha que vai morrer).

falante e ouvinte). O nível representacional ou semântico cuida apenas da semântica de uma unidade linguística. As unidades semânticas mediante as quais o nível representacional opera são hierarquicamente organizadas, como se vê a seguir:

Quadro 3. As camadas de organização do Nível Representacional

- (p) Conteúdo proposicional (p)
- (ep) Episódio (ep)
- (e) Estado-de-coisas (e)
- (f) Propriedade configuracional (f)
- (f) Propriedade lexical (f)
- (x) Indivíduo (x)
- (l) Localização (l)
- (t) Tempo (t)
- (m) Modo (m)
- (q) Qualidade (q)
- (r) Razão (r)

No nível representacional, as unidades linguísticas são descritas em termos da categoria semântica (tipo de entidade) que elas designam. Como se vê no quadro 3, na GDF, o conteúdo proposicional (constructo mental, crença, desejo) é a camada mais alta do nível representacional. Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), os conteúdos proposicionais podem ser *factuais*, quando são pedaços de conhecimento ou uma crença acerca do mundo real, ou *não-factuais*, quando são desejos ou expectativas com relação a um mundo imaginário. Além disso, para os autores, os conteúdos proposicionais são caracterizados pelo fato de serem qualificados em termos de suas atitudes proposicionais (certeza, dúvida, descrença) ou em termos de sua fonte ou origem do conhecimento (conhecimento comum partilhado, evidência sensorial, inferência).

Organizados, assim, de forma hierárquica, os conteúdos proposicionais contêm episódios (ep), que podem ser constituídos por um ou mais eventos (estado-de-coisas) dispostos numa sequência tematicamente coerente, apresentando, sempre, uma unidade temporal (t), locativa (l) e uma consequente manutenção dos indivíduos (x) envolvidos.

Na GDF, os eventos (ou estado-de-coisas) são caracterizados por uma ou mais *propriedades* (f_1), que, por sua vez, podem conter descrições de *indivíduos* (x) e outras propriedades (f_2). Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), o que permite distinguir episódios e eventos é o fato de a categoria *episódio* admitir modificadores de tempo absoluto (como *ontem*, *hoje*, *amanhã*, etc), e a categoria *evento* admitir modificadores de tempo relativo (como *depois do almoço*, *em duas horas*, etc.), como em:

- (4) *Ontem o Pedro saiu depois de jantar com sua mãe.*

O modificador de tempo absoluto *ontem* situa temporalmente tanto o evento *Pedro saiu* quanto o evento *jantar com sua mãe*, formando juntos um único episódio. Nesse contexto, em (4), o modificador *ontem* toma como escopo o modificador de tempo relativo representado pela aposição *depois*, que é característico de eventos.

Assim, para a GDF, as entidades que integram as categorias semânticas são de diferentes ordens: entidades de terceira ordem (conteúdos proposicionais); entidades de segunda ordem (estados-de-coisas); entidades de primeira ordem (indivíduos); e entidades de ordem zero (propriedades). Hengeveld e Mackenzie assinalam que as

entidades de primeira (indivíduo) e de zero ordem (propriedade) pertencem à mesma camada, isto é, não há nenhum tipo de relação hierárquica entre elas.

É importante lembrar, assim como fazem os autores da GDF, que a natureza semântica de um tipo de entidade não indica o modo como se usa a unidade linguística dentro de um ato discursivo, por exemplo. Tipos de entidades são categorias, não funções. A análise funcional é realizada no nível pragmático. Assim, uma mesma propriedade (f) pode ser atribuída a uma entidade (T) ou referida a uma entidade (R):

- (5) a. *Maria é alta.* (Atribuição de uma entidade de zero ordem: T/f)
 b. *A altura impressiona João.* (Referência a uma entidade de zero ordem: R/f)

A representação semântica de (5a,b) é dada em (6a,b) abaixo:

- (6) a. (C_T: [T₁ R₁] (C_T))
 (pi: (ei: (fi: [(fj: alta (fi)) (xi: Maria (xi))_U] (fi)) (ei)) (pi))
- b. (C_T: [T₁ R₁ R₁] (C_T))
 (pi: (ei: (fi: [(fj: impressiona (fj)) (fk: altura (fk))_A (xi: João_N (xi))_U] (fi)) (ei)) (pi))

Similarmente, uma entidade de primeira ordem pode ser atribuída ou referida:

- (7) a. *Maria é minha melhor amiga.* (Atribuição de uma entidade de primeira ordem: T/x)
 b. *Minha melhor amiga foi embora.* (Referência a uma entidade de primeira ordem: R/x)

Embora, nos exemplos acima, exista uma correspondência entre os níveis interpessoal e representacional, Hengeveld e Mackenzie (2008) assinalam que ambos os níveis são independentes um do outro, podendo existir vários tipos de interação entre eles.

Os Níveis Morfossintático e Fonológico

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), quanto mais se adentrar, em direção *top-down* aos demais níveis do modelo (a saber: níveis morfossintático e fonológico), mais (trans)linguisticamente específicos os níveis se tornam, uma vez que é no nível morfossintático que as representações interpessoais e representacionais são codificadas morfossintaticamente. Nesse nível de análise, por exemplo, sintagmas adposicionais serão relevantes somente para algumas línguas, mas não para outras; algumas línguas são do tipo morfológico isolante, e outras, do tipo aglutinante. No nível morfossintático, a unidade linguística é analisada em termos de sua composição sintática (ou seja, de seus constituintes sintáticos), começando da camada mais alta para a mais baixa: expressões linguísticas (Le), orações (Cl), sintagmas de vários tipos (Xp), e palavras de vários tipos (Xw). Ainda, conforme Hengeveld e Mackenzie (2008), é possível distinguir, dentro de cada palavra, morfemas de vários tipos (Xs) e afixos (Aff).

O modo como as categorias verbais são ordenadas em relação à raiz do verbo ilustra, por exemplo, como as hierarquias implicativas – muito utilizadas em estudos de caráter tipológico – podem explicar a ordenação de informações linguísticas como *aspecto, modalidade, tempo, modo, negação, pessoa, evidencialidade e ilocução* nas línguas, em especial para mostrar como essas mesmas categorias podem ser expressas entre línguas que possuem estruturas sintáticas e morfológicas distintas.

O nível fonológico, por sua vez, contém tanto a representação segmental quanto a representação supra-segmental de um enunciado. Consoante Hengeveld e Mackenzie (2008), nesse nível de organização da GDF, a expressão linguística é analisada em

termos de suas unidades fonológicas, tais como o *enunciado* (U), que é a camada mais alta do nível fonológico, a *frase intonacional* (IP), a *frase fonológica* (PP) e a *palavra fonológica* (PW), além das camadas denominadas *pé* (F) e *silaba* (S). Apesar de reconhecerem a importância dessas duas últimas camadas para várias línguas, os autores destacam que a GDF está mais preocupada com a influência da prosódia nas expressões linguísticas, que é lugar onde se situa (se visualiza) boa parte dos fenômenos funcionais que são relevantes para o modelo, e, conseqüentemente, são codificados na língua.

Assim como no nível morfossintático, novamente, não há nenhuma projeção biunívoca entre unidades pragmáticas, semânticas e morfossintáticas por um lado, e unidades fonológicas por outro. Em algumas línguas, por exemplo, as orações subordinadas são separadas da oração principal por meio de uma pausa intonacional, já em outras línguas elas formam uma única unidade intonacional com a oração principal.

Os usos de *assim* nos níveis e nas camadas da GDF

Nesta seção, apresentamos a análise qualitativa dos usos de *assim* no Português falado do noroeste paulista. O *corpus* de análise do trabalho é composto por 38 inquiridos do tipo *Amostra Censo*, provenientes do Banco de dados IBORUNA, que, por sua vez, é resultado do projeto de pesquisa intitulado “O português falado na região de São José do Rio Preto: constituição de um banco de dados anotado para seu estudo” (Proc. FAPESP nº 03/080058-6). O projeto é coordenado por Gonçalves (2006) e pelo Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional (GPGF, com sede no CNPq), da UNESP de S. J. do Rio Preto-SP.

O IBORUNA é o primeiro banco de dados constituído por amostras de fala do interior paulista e envolve as cidades de Bady Bassit, Cedral, Guapiaçu, Ipiranga, Mirassol, Onda Verde e S. J. do Rio Preto. Os informantes foram selecionados mediante as variáveis: *sexo/gênero, faixa etária, grau de escolaridade e renda familiar*.

Usos de *assim* no Nível Representacional

Levando-se em consideração as categorias semânticas da GDF, os usos de *assim* podem ser sistematizados da seguinte forma, começando pelos usos mais concretos:

Usos dêiticos		
(8)	coloca ele [o pau do carrinho de rolimã] assim (AC-007; RP: L. 90)	Advérbio de modo
	NR: (e _i : (f _i : [(f _j : colocar (f _j): (f _k : assim (f _k) (x _i)] (f _i)) (e _i))	
	= (m _i : (f _j : assim _{Advmodo} (f _j) (m _i))	

Em (8), *assim* funciona como modificador do verbo *colocar*, especificando o modo como o pedaço de pau deve ser utilizado. É um uso que atua na predicação central.

Usos anafóricos		
(9)	contava às vezes conta das ex namora::da (que ele tinha) namora::do... até uma vez ele falou que a única pessoa que ele quis ter alguma coisa séria foi comi::go né? essas coisas assim ele sempre conta (AC-064; NR: L. 49-52)	Advérbio anafórico
	NR: (p _i : (f _i : [(f _j : contar (f _j) (x _i) (p _j : (f _k : assim (f _k)] (p _i)) (p _i))	

Em (9), o item *assim* faz remissão anafórica a proposições explicitadas anteriormente no texto. Nesse caso, o item *assim* opera na camada da proposição.

Usos catafóricos		
(10)	Doc.: ⁸ [é?...]... como que cê faz pá lavar assim o tapete? Inf.: o taPE::te? eu estendo ele no chão jogo sabão em pó... esfrego bem enxágua ele numa aguinha de Confort... enxágua... de novo e ponho no varal... (AC-032; RP: L. 174)	Advérbio catafórico
	NR: (e _i : lavar (x _i : assim) (x _i) (e _i))	

No exemplo (10), o item *assim* atua como advérbio catafórico, referindo-se à categoria indivíduo (x) o *tapete*. Nessa ocorrência, o item *assim* faz referência a um constituinte linguístico que atua como argumento do verbo *lavar*. Trata-se de um uso que opera na camada da predicacão, situada no nível representacional.

A ocorrência (11) representa um caso de *assim* como introdutor de episódios:

Usos como introdutor de episódios		
(11)	[uhum] ⁸ tá uma comida que eu sei fazer bem é é arroz temperado... então eu faço assim ... é:: compro os legumes na feira né? arro/é:: batati::nhá ceno::ura va::gem a ceboli::nhá... o fra::ngo e costume fazer tudo em panela separada...cozinho batata separa::da o mi::lho tudo separadinho depois que o coz/já faço o arroz arroz branco... com sal alho... normal...depois eu frito o frango faço frango frito:: né? aí depois é <i>você</i> né? [...] põe o tempero (AC-064; RP: L. 147-153)	Introdutor de episódios
	NR: assim (ep _i), (ep _j), (ep _k), (ep _m)...(ep _{n+1})	

Como se observa, em (11), o item *assim* é usado para introduzir vários episódios dispostos em uma sequência coerente e organizada. Esses episódios inseridos por *assim*, em construções do tipo “eu faço assim”, “o negócio é assim”, “a receita é assim”, “você pode fazer assim” formam um evento discursivo maior ou o que Hengeveld e Mackenzie (2008) chamam de *cadeia narrativa*. É importante destacar que um episódio pode ser constituído por vários eventos, como em (ep_i: [(e_i) (e_j) (e_k)] (ep_i)).

Usos como advérbio relacional		
(12)	é uma cidade calma [casa da avó] num tem briga num tem aquelas coisa que a gente tá acostumado aquele movimento sabe e assim eu acho impressionante porque sempre que eu vou prá cidade da minha avó tem velório sabe (inint.) [...] porque o velório fica no fundo da casa da minha vó (AC-048; DE: L. 236-265)	Advérbio relacional
	NR: (p ₁) (f _i : (f _i : e <i>assim</i> _{AdvRelacional} (f _i)) (f _i)) (p ₂)	

Os advérbios relacionais são elementos que ‘acumulam’ as funções anafórica e relacional (conjunção), pois são elementos que, ao mesmo tempo em que fazem referência anafórica, estabelecem algum tipo de relação semântica entre as unidades a que estão associados. Em (12), por exemplo, o item *assim*, em combinação (ou não) com a conjunção coordenativa *e*, atua como advérbio relacional, estabelecendo a relação semântica de conclusão/explicação entre dois conteúdos proposicionais (p). Essa leitura é reforçada pela proximidade com a conjunção “e” e pelas informações contextuais.

Usos conjuncionais: conjunções coordenativas		
(13)	a família da menina é muito rica né?... muito rica mesmo muito poderosa que acho que se descobrisse quem era com certeza ele estaria eliminado né?... porque eu acho que:: tem tio juiz:... acho que/...tios delega::do...promoTOres ... são família da ALta sociedade daqui de São José do Rio Preto né?... e::... assim eu dei um::/ foi até um alívio assim que num ficaram sabendo né? porque com certeza ele estaria morto... e eu ficaria triste (AC-069; NR: L.111)	Conjunção coordenativa
	NR: (p ₁) (f _i : (f _i : assim _{ConjCoordenativa} (f _i)) (f _i)) (p ₂)	

Usos conjuncionais: conjunções subordinativas		
(14)	com fogo baixo...aí mexe até cansar... assim que desgrudar da panela eu coloco numa outra vasilha (AC-018; RP: L. 104)	Conjunção subordinativa
	NR: (e _i) (f _i : (f _i : assim _{queConjSubordinativa} (f _i)) (f _i)) (e ₂)	

Em (13), o item *assim* exerce o papel de conjunção coordenativa conclusiva entre dois conteúdos proposicionais. Nesse caso, observamos que *assim* está alocado em fronteiras limítrofes da oração (posição inicial), já desvinculado de outros elementos conectivos (como a conjunção *e*). Em (14), a perífrase conjuncional *assim que* (LONGHIN, 2003), da qual o item *assim* é parte integrante, é uma conjunção subordinativa, que estabelece uma relação temporal entre a oração principal e a oração adverbial. Essa leitura é, certamente, reforçada pela atuação e natureza semântica da integrante *que* (da perífrase). Os usos conjuncionais de *assim*, listados acima, operam nas camadas semânticas do nível representacional.

Usos como introdutor de Conteúdo comunicado		
(15)	Inf.: éh:: foi assim eu tava numa casa de uma colega MINHA... aí ela falou assim que tinha que apresentar uns menino (AC-078; NR: L. 89)	Introd. Conteúdo comunicado
	NR: (e _i : (f _i : [(f _i : falar (f _i)) (x _i) _Φ]) (C _i : (f _i : que tinha que apresentar uns menino (f _i)) (C _i) _Φ]) (f _i)) (e _i) _Φ)	

Em (15), *assim* é usado pelo falante para introduzir uma unidade interpessoal, o Conteúdo comunicado, como argumento do verbo *falar*. Trata-se de uma ocorrência, em que uma categoria pragmática passa a atuar na camada do evento. Em termos de GR, a ocorrência em (15) representa um dos primeiros contatos com o nível interpessoal.

Usos de *assim* no Nível Interpessoal

Além dos usos de *assim* nas camadas do Nível Representacional, esse elemento pode também atuar nas camadas do Nível Interpessoal, exercendo diferentes funções.

Usos como operador aproximativo		
(16)	Doc.: e o da sua mãe? Inf.: o da minha mãe::... eu num sei o nome daquela cor mas acho que é salmão ou algo [assim... é::] [Doc.: aham] é:: bonito chama... a parede mais escura acho/ É:: quase laranja assim SEMpre TEM as paredes mais CLARas e depois a esCURa (AC-010-DE; L. 217-221)	Operador aproximativo de subato adscritivo
	NI: (approx _{assim} (T ₁ : laranja (T ₁))	

(17)	<p> aí a gente chamô(u) minha mãe pra me levá(r) [...] lá no Santa Helena num tinha ninguém pra me atendê(r) aí eu fui na Beneficência... aí lá me trataram bem:: perguntaram tu::do que tinha aconteci::do... e eu fui falan(d)o... aí colocaram um::...cervical <u>alguma coisa</u> assim sabe?... então aí eu fiquei... lá na:: me deram so::ro me deram um monte de coisa pra mim tomá(r)...(AC-009; NE: L. 38) </p>	Operador aproximativo de subato referencial
	NI: (approx _{assim} (R ₁ : alguma coisa (R ₁)))	

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), os subatos adscritivos (T) e referenciais (R) são categorias interpessoais que compõem o Conteúdo comunicado do Nível Interpessoal. Para a GDF, o esquema geral de organização dos subatos referenciais em relação à presença de modificadores é a seguinte:

- (18) (II Ri: [(Ti) (Tj: [] (Tj): felizmente/infelizmente (Tj))] (Ri))

Já para os operadores de subatos adscritivos, o esquema é o que segue:

- (19) a. (approx (T1))
b. (emph (T1))

Uma das contribuições deste trabalho, que é também discutida em Braga e Souza (2008), é a descoberta de um operador aproximativo para os subatos referenciais, até então proposto apenas para os subatos adscritivos. Os dados do Português atual atestam que o item *assim* pode atuar tanto como operador aproximativo de subato adscritivo, como em (16), quanto como operador aproximativo de subato referencial, em (17). Na ocorrência (16), *assim* funciona como operador aproximativo em um sintagma adjetival, isto é, um subato adscritivo. Nesse caso, *assim* atua como um operador de mitigação, especificando *mais ou menos* como é a cor das paredes do quarto da mãe [que é parecida com a cor laranja]. Já em (17), tem-se um caso de *assim* que opera como operador aproximativo de subato referencial, com função também mitigativa. Observe que, neste caso, *assim* toma como escopo o sintagma nominal *alguma coisa*, cujo objetivo do falante é informar que algo foi colocado em seu pescoço, ainda que não soubesse exatamente o que era [se era um cervical ou alguma coisa parecida com isso]. São usos que se aproximam da definição de “hedge(s)” de Lakoff (1973). Em seu estudo, o autor também lista alguns itens do Inglês com função mitigadora.

Em razão dos resultados do presente estudo e da contribuição de Braga e Souza (2008) para o desenvolvimento de um aspecto teórico da GDF, a inserção de um operador aproximativo também para subatos referenciais foi recentemente acatada por Hengeveld e Keizer (2009) em um estudo sobre os operadores de subatos adscritivos e referenciais a partir de uma perspectiva funcional tipológica de análise.

A nossa proposta de análise para subatos referenciais é a que segue em (20):

- (20) (II R₁: Núcleo (R₁): modificador (R₁))
- proposta: (**approx** (R₁))

A presença de *assim* na camada do Conteúdo comunicado (subatos adscritivos e referenciais) é mais uma evidência de que esse elemento está se gramaticalizando e assumindo funções interpessoais (situadas no contexto do falante/ouvinte), fato que mais uma vez atesta a hipótese formulada nas seções iniciais deste estudo.

Na ocorrência (21), *assim* introduz um Conteúdo comunicado:

Introdutor de Conteúdo Comunicado		
(21)	meu filho costuma conversar com ela pelo:: pela internet na <i>lan house</i> [...] e:: e ele conversando com ela né e conversando com uma prima minha e:: de repente eles parou de conversar com a mi/ com minha irmã e começou falar com a minha prima e minha irmã brava com ele perguntando pra ele –“com quem você tá falando”– aí ele falou assim –“eu tô falando com a Tami::res” – aí falou assim –“ah! tá”–[...] (AC-078; NR: L.100)	Introdutor de Conteúdo comunicado
	NI: (M ₁ : (A ₁ : (F ₁ : DECL (F ₁)) (P ₁) _S (P ₁) _A (C ₁ : [- eu tô falando com a Tamires -] (C ₁ : Σ (C ₁)) (A ₁)) (M ₁))	

Em (21), o item *assim* é usado como introdutor de Conteúdo comunicado, que, na construção acima, é estruturalmente expresso por meio de uma oração finita. Nessa ocorrência, o item *assim* introduz exatamente aquilo que foi comunicado por um terceiro (fonte da informação, isto é, a pessoa que falou alguma coisa).

Usos como marcador de foco e introdutor de tópico		
(22)	Doc.: e assim com relação aos filhos do senhor alguma situação... que eles já passaram que o senhor já tinha me dito que ia falar que co/ eles e eles contaram pro senhor e o senhor num esqueceu assim o senhor pode tá falando (AC-101; NR: L. 79-81)	Introdutor de tópico
	NI: (C ₁ : [(R ₁ : filhos) _{Top} (T ₁ : passaram) _Φ (T ₁ : situação) _{Foc}] (C ₁))	

O caso de *assim*, em (22), atua na organização de cadeias tópicas, mais especificamente na introdução de elementos tópicos. Em (22), a documentadora utiliza o item *assim* como estratégia linguística para introduzir o tópico *filhos [do informante]* para, a partir daí, questionar o informante sobre possíveis acontecimentos relacionados aos filhos. Trata-se de um uso que opera na organização do discurso.

Usos como marcador discursivo		
(23)	F. cê já... VI::U assim <u>participO::(U)</u> de alguma BRIGa alguma coisa...que marCÓ(U)?...pode falá(r) pra gente? (AC-010-NE; L.46)	Marcador discursivo
	NI: (M ₁ : [(A ₁) <i>assim</i> _{MarcadorMetadiscursivo} (A ₂) _Φ] (M ₁)) _Φ	

Como se verifica, em (23), *assim* exerce o papel de marcador metadiscursivo, cuja função é corrigir ou reformular aquilo que foi dito anteriormente pelo falante. É um uso que evidencia o processamento cognitivo do falante no momento da interação, uma vez que as correções, reformulações e mudanças ocorrem durante a comunicação.

Por fim, o uso que ilustro a seguir é um caso de introdutor de movimento:

Usos como introdutor de movimento		
(24)	Doc.: sabe o que eu queria que cê me contasse também se puDESSE ...como você conheceu seu... ² [atual] namorado... Inf.: ² [namorado?] ahn... éh:: foi assim eu tava numa casa de uma colega MINHA... <i>ai</i> ela falou assim que tinha que apresentar uns menino queria apresentar uns menino aí no meu dos menino tava ELE <i>ai</i> foi assim amor à primeira vista... [Doc.: hum] <i>ai</i> :: ele pegou e pe/pe/ perguntou se eu queria ficar com ele eu falei que eu queri::a a gente começou ficar naquele dia aí passaram uns dois meses a gente num se viu mais... [Doc.: hum] <i>ai</i> do nada eu encontrei ele assim <i>ai</i> a gente começou ficar de novo ele pediu eu em namo::ro e a gente tá até ho::jê (AC-034; NE: L. 15-24)	Introdutor de movimento
	NI: <i>assim</i> (M ₁ : [<i>ai</i> (A ₁)... <i>ai</i> (A ₂) ... <i>ai</i> (A ₃)... <i>ai</i> (A _{4+n}) _Φ] (M ₁)) _Φ	

Em (24), *assim* opera na introdução de movimento. Em outras palavras, em (24), o item *assim* atua na camada do movimento, que é a camada mais gramatical, abstrata e expressiva do nível pragmático. Nessa ocorrência, *assim* introduz um movimento de reação (ao comando do documentador), que, por sua vez, é constituído por vários atos discursivos, que são inseridos por meio de outros usos de *ai* no Português falado.

Generalizações sincrônicas: o percurso de mudança de *assim*

Relacionando as ocorrências de *assim* às diferentes categorias semânticas e pragmáticas dos níveis Representacional e Interpessoal, temos o seguinte:

Quadro 4. Correlação entre o item *assim* e os níveis da GDF

ITEM	Categorias da GDF							
	Nível Representacional					Nível Interpessoal		
	f	x	e	ep	p	C	A	M
<i>Assim</i>	-	-	+	+	+	+	+	(+)

Em termos de GR,¹¹ a análise dos dados mostra que o item linguístico *assim* encontra-se em um estágio bastante avançado de GR, por conta de sua extensão funcional em relação às camadas dos níveis representacional (e, ep, p) e interpessoal (C, A, M) da GDF (SOUZA, 2009). Esse aspecto é confirmado também pelos parâmetros de GR de Lehmann (1995), que sugerem uma relativa perda de autonomia sintático-semântica de *assim* nos dados analisados do Português falado (cf. SOUZA, 2009).

O percurso de GR de *assim* corrobora as ideias de Traugott (1982, 1995) não apenas no que tange ao papel do contexto no surgimento de novos usos na língua, como também no que tange ao caráter unidirecional da mudança [proposicional > textual > expressivo], que parte quase sempre do componente proposicional rumo ao componente expressivo da língua. Vejamos o percurso de GR de *assim* na GDF:

Quadro 5. O percurso de GR de *assim* na GDF

Categorias representacionais	Categorias interpessoais
evento > episódio > proposição	> conteúdo comunicado > ato discursivo > (movimento)

Considerações finais

Com base nas categorias semânticas (propriedade, indivíduo, evento, episódio, conteúdo proposicional) e pragmáticas (conteúdo comunicado, ato discursivo e movimento) propostas pela GDF, mostramos neste estudo que o uso mais concreto de *assim*, o de advérbio de modo, está situado na camada do evento (mais especificamente na predicação), do Nível Representacional, e, à medida que esse item vai assumindo outras funções na língua, tais como funções textuais (advérbio anafórico, advérbio catafórico, introdutor de episódios, advérbio relacional e conjunção coordenativa e subordinativa) e funções discursivas (introdutor de Conteúdo comunicado, operador aproximativo de subatos referencial e adscritivo, marcador discursivo, organizador de tópico e introdutor de movimento), esse elemento passa também a operar em outras camadas dos níveis representacional e interpessoal, percorrendo uma trajetória unidirecional de mudança, que vai do Representacional para o Nível Interpessoal:

¹¹ A GR é entendida aqui como um processo de mudança linguística que leva um item lexical a assumir funções mais gramaticais, ou um item já gramatical a assumir funções ainda mais gramaticais, em direção ao componente pragmático da língua (TRAUGOTT, 1982, 1995).

Quadro 6. Trajetória de GR de *assim* no Português falado do noroeste paulista

Deit. > fórico > introd. epis. > adv. rel. > conj. coord. > oper. sub. ads. > intr. cont. com. > org. top. > marc. disc.
conj. subord. oper. sub. ref.

Pelo quadro 6, observamos que, além de operar no nível semântico, *assim* opera também na camada mais elevada do nível interpessoal (o *movimento*), que é definida por Souza (2009) como a camada mais gramatical/interacional e alvo de *assim*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, M. L.; SOUZA, E. R. F. *Estou com uns problemas aí: o uso de aí como operador aproximativo no Português Brasileiro*, 2008 (em preparação).

DIK, S. C. *The Theory of Functional Grammar*. Dordrecht: Foris Publication, 1989.

GASPARINI-BASTOS, S. D. *Os constituintes extrafrasais com valor epistêmico*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - UNESP, Araraquara, 2004.

GONÇALVES, S. C. L. *Projeto ALIP: O português falado na região de São José do Rio Preto*. Relatório científico parcial II à FAPESP. São José do Rio Preto: FAPESP, 2006.

GUERRA, A. R. *Funções textual-interativas dos marcadores discursivos*. 2007. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - IBILCE/UNESP, São José do Rio Preto, 2007.

HENGEVELD, K. Dynamic expression in Functional Discourse Grammar. In: GROOT, C., HENGEVELD, K. (Eds). *Morphosyntactic expression in Functional Grammar* (FGS 27). Berlin: Mouton de Gruyter, 2004, p.53-86.

_____; KEIZER, E. Non-straightforward communication. In: KEIZER, E., WANDERS, G. (Eds.). *Special Issue: The London papers I*. Amsterdam: Functional Grammar Foundation, 2009, p. 29-50.

_____; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar: A typologically based theory of language structure*. Oxford: OUP, 2008.

LAKOFF, G. Lexicography and Generative Grammar I: Hedges and meaning criteria. In: MCDAVID, R. I., AUDREY, R. D. (Eds.). *Lexicography in English*. New York: New York Academy of Sciences, 1973, p. 144-153. LEHMANN, C. *Thought on grammaticalization*. Munich: Lincom Europa, 1995.

LONGHIN, S. R. *A Gramaticalização da perífrase conjuncional 'só que'*. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) - IEL/UNICAMP, Campinas, 2003.

LOPES-DAMÁSIO, L. R. A emergência do marcador discursivo *assim* sob a óptica da gramaticalização. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - IBILCE/UNESP, São José do Rio Preto, 2008.

OLIVEIRA, T. P. *Conjunções e orações condicionais no português do Brasil*. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - UNESP, Araraquara, 2008.

SOUZA, E. R. F. Gramaticalização dos itens linguísticos *assim*, *já* e *aí* no português brasileiro: um estudo sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional. Tese (Doutorado em Linguística) - IEL/UNICAMP, Campinas, 2009.

TRAUGOTT, E. From propositional to textual and expressive meanings. In: LEHMMAN, W.; MALKIEL, Y. (Eds.) *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1982. p. 245-271.

_____. Subjectification in grammaticalization, In: STEIN, D.; WRIGHT, S. (Eds.) *Subjectivity and subjectivisation*. Linguistic perspectives, Cambridge: CUP, 1995, p. 31-54.